UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS IV - JACOBINA
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

ELIZANGELA DOS ANJOS MOREIRA

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EJA: UM ESTUDO DE CASO EM JACOBINA-BA

Jacobina – BA

2017

ELIZANGELA DOS ANJOS MOREIRA

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EJA: UM ESTUDO DE CASO EM JACOBINA-BA

Monografia apresentada junto à comissão examinadora designada pelo colegiado de geografia da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas - Campus/IV, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador (a): Dolores Bastos Hayne de Oliveira

Jacobina – BA
2017

ELIZANGELA DOS ANJOS MOREIRA

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EJA: UM ESTUDO DE CASO EM JACOBINA-BA

Monografia apresentada junto à comissão examinadora designada pelo colegiado de geografia da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus/IV, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovada em Jacobina - BA, ____de_____ 2017.

Banca Examinadora

_____

Profª. Esp. Dolores Bastos Hayne de Oliveira -
UNEB (Orientadora)

_____

Profº. Mestre Humberto Cordeiro Araújo Maia

_____

Profª. Mestra Joseane Gomes

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por me conceder a vida e oportunidade para alcançar essa conquista, pois a cada passo, a cada tropeço o Senhor esteve me guiando, permitindo vencer os obstáculos e me conduziu a esse momento de vitória.

A realização de um trabalho jamais se concretiza sem a ajuda de outras pessoas, principalmente na monografia, onde a participação do outro é fundamental. Ao meu esposo Marlone Ramos, minha mãe Eliene, minhas irmãs Eliane e Samara, e ao meu filho amado Kauan Moreira pelo apoio prestado nessa fase tão marcante da minha vida, quero exprimir o quanto todos foram de grande importância para que eu chegasse até este momento.

Agradeço à professora Dolores Bastos e ao professor Humberto Maia, pelo compromisso na orientação e nos momentos em que pensei em desistir, agradeço imensamente pelas palavras de incentivo que me fizeram perceber que nem tudo estava perdido, meu muito obrigado por me acompanhar até aqui.

À professora Joseane Gomes, por aceitar a participar desse momento significativo da minha vida, e dizer o quanto ela fez parte do meu crescimento acadêmico desde o primeiro semestre.

Da mesma forma agradeço aos demais professores do curso de geografia do Campus IV que se fizeram presentes em minha vida acadêmica, por todo o conhecimento compartilhado.

As companheiras da turma (2011.1), em especial as amigas Vanessa Rodrigues, Ana Tacia e Calinda Maria, por me apoiarem nos momentos mais difíceis desse percurso e dizer que cada uma a sua maneira faz parte de minha história. Não poderia deixar de agradecer a todos os alunos da 7ª/8ª série do colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho, as professoras e toda coordenação, sou profundamente grata a todos, os quais me receberam em sala de aula, fornecendo informações que contribuíram para realização da pesquisa, pois sem a participação dos mesmos não seria possível a minha investigação.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo de investigação a educação da EJA ciclo II, do Colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho em Jacobina Ba, tendo como finalidade conhecer o ensino de geografia na EJA, como é realizado, se há adequação das práticas pedagógicas do trabalho docente para o público especifico da EJA. A pesquisa tem como tema O Ensino de Geografia na EJA: um estudo de caso em Jacobina-Ba e foi desenvolvida através de pesquisa bibliográfica, observações em sala de aula e aplicação de questionários aos alunos. Com o desenvolvimento da pesquisa pode-se compreender que o ensino da geografia na EJA deve considerar o conhecimento informal dos alunos, facilitando o desenvolvimento do ensino aprendizagem. A pesquisa revela que os alunos encontram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) uma possibilidade de vida melhor para os que não tiveram acesso ao ensino nos anos iniciais. Os resultados dos dados coletados analisados apontaram uma urgente melhoria e valorização nos princípios e objetivos da EJA.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos, Ensino de geografia, Possibilidade de Vida Melhor.

ABSTRACT

This research has the aim to investigates the seventh and eighth grade EJA classes at Luis Alberto Dourado de Carvalho School in Jacobin-Ba, with the purpose of answering the questions in EJA geography teaching. How is teaching organized? Is pedagogical practice adequate for teaching to EJA students? The development of this research intends to understand the teaching of geography of EJA. Consider the informal knowledge of the students, the ease of development of teaching and the functions of learning. Research shows that students see EJA as a possibility for a better life for people who did not have the opportunity to study when they were younger. The research has as a topic "the teaching of Geography of EJA". The case study took place in Jacobina-Ba. It was developed through a bibliographical research, observations in the classroom, and application of questions to the students. The results analyzed, indicated a better evaluation for the objectives of the EJA.

Keywords: Education of young people and adults in the teaching of geography for the possibility of a better life.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

CNEA – Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo

CPCs - Centros Populares de Cultura

EDUCAR - Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FNEP – Fundo Nacional do Ensino Primário

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

KM – Quilometro

LDB – Lei Diretrizes e Bases

MEB - Movimento de Educação de Base

MEC – Ministério da Educação

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

PAS - Programa Alfabetização Solidaria

PME - Plano Municipal de Educação

PNAC - Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania

PPP - Projeto Político Pedagógico

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Esquema da história da educação de jovens adultos no Brasil 21

QUADRO 2 - Formas tradicionais de se pensar a aula e o processo de ensino-aprendizagem / Forma contemporânea de se pensar a aula e o processo de ensino-aprendizagem 31

QUADRO 3 - Taxas de rendimento da rede municipal de ensino da EJA 2014 43

QUADRO 4 - 1ª pergunta direcionada aos alunos avaliando a metodologia do professor 46

QUADRO 5 - 2ª pergunta direcionada aos alunos avaliando a metodologia do professor 46

QUADRO 6 - 3ª pergunta direcionada aos alunos avaliando a metodologia do professor 47

QUADRO 7 - 4ª pergunta direcionada aos alunos avaliando a metodologia do professor 48

QUADRO 8 - 5ª pergunta direcionada aos alunos avaliando a metodologia do professor 49

QUADRO 9 - Questionário para o professor de geografia do ensino da EJA 51

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1- Fachada do Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho.....36

IMAGEM 2- Localização do Município de Jacobina Ba.....37

IMAGEM 3- Localização do Bairro Jacobina III, no qual está situado o Colégio Luís Alberto de Carvalho.....37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

1. ASPECTOS HISTÓRICOS DA EJA NO BRASIL 14

1.1. Dialogando sobre a EJA no Brasil 14

1.2. Documentos que subsidiam o trabalho da EJA 22

1.3. A formação de professores para atuação na EJA 27

2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS TURMAS DA EJA 29

2.1. Geografia disciplina fundamental no processo de construção do conhecimento 29

3. A EJA EM JACOBINA NO COLÉGIO MUNICIPAL LUÍS ALBERTO DOURADO DE CARVALHO 36

3.1. Contextualizando o local de pesquisa 36

3.2. Discutindo o Projeto Político Pedagógico do Colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho e o PME de Jacobina 38

3.3. Analises reflexivas entre aluno e professor 44

CONSIDERAÇÕES FINAIS 52

REFERÊNCIAS 54

ANEXO 57

INTRODUÇÃO

A educação de Jovens e Adultos - EJA, tem a função reparadora de promover cidadania dando o direito aos jovens e adultos que, por vários motivos, foram privados da educação escolar no período regular correspondente à idade/série. Desta forma, a EJA promove a igualdade entre homens e mulheres, fazendo com que essas pessoas não se sintam mais excluídas da sociedade no que diz respeito à educação formal.

A metodologia da EJA tem que ser diferenciada principalmente porque é direcionada para jovens e adultos e não para crianças. O professor tem que adequar sua metodologia levando em conta a vivência dos jovens e adultos, pois as crianças estão iniciando a vida passo a passo, já os adultos fazem parte dessa vida em sociedade há muitos anos, todos os dias passam por situações diversificadas, possuindo experiências vividas, seus conhecimentos informais.

Foi a partir de um estágio de observação e intervenção vinculado a UNEB CAMPUS IV, que surgiu o interesse e motivação para o desenvolvimento desta pesquisa, realizada no Colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho, situado na rua Anisia de Carvalho, nº104, Bairro Jacobina III, os seus alunos são oriundos das proximidades e dos bairros vizinhos, (Jacobina III, IV, Morada do Sol, Peru e Lagoinha) na cidade de Jacobina-BA. Neste colégio foram realizadas as observações e estágios do ensino fundamental na turma do ciclo II, boa parte dos alunos da unidade escolar são oriundos dos bairros periféricos da cidade, apresentando grande diversidade no que diz respeito aos aspectos étnicos, religiosos, culturais e sócio-econômicos.

A escolha pela modalidade da EJA não foi ao acaso, aproximadamente três meses antes do estágio me encontrava alfabetizando um adulto, meu tio que por inúmeros motivo pessoal não teve acesso a escola na idade convencional, nos dias atuais, os motivos se assemelham às causas de não frequentar uma escola e, assim, dar continuidade à educação escolar, pois quando criança, precisava trabalhar para ajudar a sua mãe a sustentar a casa, tinha a mãe como “chefe de família”. Hoje a situação não é tão diferente, o mesmo precisa trabalhar para sustentar sua esposa e seus próprios filhos, um trabalho pesado que requer força, agilidade e muito tempo para viajar, sua profissão é tratorista.

Por viajar muito, as aulas domiciliares/voluntárias que obtinha com o meu auxilio, acabaram durando aproximadamente três meses, pois tinham que ser a noite ou nos fins de semana. Por outro lado, me encontrava estudando também à noite e a data do início dos estágios se aproximavam, impossibilitando, neste caso, conciliar os dias da alfabetização com as minhas aulas, visto que, nos momentos em que me encontrava disponível, ele estava viajando.

A narrativa acima é para explicar o porquê da escolha da turma da EJA para realizar meus estágios. A força de vontade de aprender a ler e escrever desse homem proporcionou o interesse em escolher a EJA para estagiar, tanto no ensino fundamental como no médio. Ao me deparar com os alunos de estágio, constatei que aquela realidade vivida por meu tio era parte da história que muitos daqueles alunos tinham passado quando crianças e os fizeram ficar longe das salas de aula, porém, o querer aprender os levaram a escola, desafiando inúmeras dificuldades de suas vidas. Como estagiária, me senti satisfeita em possibilitar uma nova forma de ver e compreender o espaço geográfico e fazer parte desse espaço no processo de construção e transformação.

O interesse em desenvolver este estudo sobre o ensino da Geografia nas turmas da EJA no ensino fundamental, surge com o intuito de conhecer a questão do ensino de Geografia, como é realizado, se há adequação das práticas pedagógicas e do trabalho docente para o público específico da EJA, uma pedagogia que ensine esses alunos a argumentar e questionar o que está sendo ensinado e não somente vejam o professor como um formador de conhecimento de verdades absolutas. Vale ressaltar que em muitas ocasiões os conteúdos abordados retratam uma realidade distante daquela que é vivenciada pelo aluno, dificultando um aprendizado mais eficaz.

Essa metodologia que ainda é utilizada por diversos professores de geografia, é a grande culpada por alunos enxergarem que a geografia é uma disciplina que não tem nada a ver com o dia a dia do mundo real, pensamentos esses errôneos, pois a geografia está presente em todos os lados: na área física, na área humana, no simples percurso de casa para o trabalho

Para atingir os objetivos desta pesquisa, buscou-se realizar primeiramente um estudo bibliográfico com o uso de livros, artigos científicos e documentos da história da EJA no Brasil até os dias atuais, principalmente descrevendo o que os

documentos abordam no contexto da EJA, como por exemplo as Diretrizes Curriculares, procurando assim, aprofundar o conhecimento sobre o tema.

Em seguida foi feito um levantamento e coleta de dados e para isso, demandou observações e aplicação de questionários direcionados para o professor e outro aos 12 alunos (os únicos que estavam presente na sala do ciclo II) de diferentes idades relatando todo o comportamento e postura dos alunos perante as aulas de geografia, além de descrever a análise que foi levantada da professora, como a mesma faz uso da sua metodologia em sala, a forma como ela transmite o conhecimento para os alunos, enfim, sua pratica docente.

Esta pesquisa é classificada como pesquisa exploratória, que tem como objetivo tornar os fatos pesquisados mais evidentes, proporcionando assim, uma maior familiaridade com o problema abordado. O planejamento dessa pesquisa exploratória é bastante flexível, vindo a adquirir a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Destaca-se ainda a natureza qualitativa, na medida em que busca uma aproximação entre teoria e os dados que serão alcançados ao longo do trabalho de investigação.

Quanto aos métodos e técnicas, esta proposta pretende realizar um Estudo de Caso, aproximando-se do objeto, de modo que seja possível fazer o detalhamento e responder ao problema proposto seguindo a perspectiva de Antônio Carlos Gil (2002), aponta que alguns dos objetivos do estudo de caso são: explorar situações da vida real, por meio da investigação de um fenômeno dentro de seu contexto de realidade, cujos limites não estão claramente definidos e descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação, consistindo em um recurso empírico.

Esse trabalho de pesquisa foi dividido em três capítulos. O primeiro aborda a história da EJA no Brasil desde o tempo colonial aos dias atuais, resume os principais projetos políticos sociais que foram criados, recriados e muitos deles extintos, por falta de interesse em acabar com o analfabetismo no Brasil. Em seguida traz um breve relato sobre os documentos que traz subsídios para EJA. Mostra que o ensino de jovens e adultos começa a ganhar importância em 1988, em que a Constituição Federal garante aos jovens e adultos o direito a alfabetização.

No segundo capítulo, apresenta a geografia como disciplina fundamental para o processo de construção do conhecimento na vida dos alunos, na qual, a

metodologia do ensino da geografia deve ser articulada com o cotidiano da vida dos alunos, fazendo com que os métodos de memorização sejam deixados de lado. Carvalho (1998) traz sua contribuição quando desmitifica a geografia tradicional, apontando que a geografia é uma disciplina rotulada como decoreba, é obrigação do professor mudar essa visão do aluno perante a geografia. Entre os vários autores que contribuem para essa pesquisa, valem destacar Gadotti e Romão (2011) que discute sobre a construção do ser educador, que é a parte das relações que se forma um excelente professor, sendo papel fundamental do professor procurar meios de guiar seus alunos nesse processo de reflexão.

No terceiro capitulo, são apresentados os resultados das observações e questionários obtidos no Colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho, situado na rua Anisia de Carvalho, nº104, Bairro Jacobina III, no ensino fundamental do ciclo II, no local de pesquisa foi possível analisar o processo do ensino da Geografia na EJA, verificando a aprendizagem dos alunos, tendo por base as práticas docentes. A partir dessa análise de observação, que constituiu em verificar o que norteia a prática docente no ensino da geografia na EJA, e também analisar a tendência pedagógica do ensino da geografia nas turmas da EJA, comprovando assim a fragilidade da prática docente.

1. ASPECTOS HISTÓRICOS DA EJA NO BRASIL

Nesse primeiro capítulo, buscou-se abordar a história da EJA no Brasil, mostrando que a Educação de Jovens e Adultos no país não é um processo educativo recente, mas sim antigo, uma história que se inicia desde os tempos coloniais. Assim, resumiu-se aqui, a trajetória dos principais projetos políticos sociais que foram criados, recriados e muitos deles extintos, deixando claro a fragilidade do governo brasileiro no que se refere a educação de jovens e adultos.

1.1. Dialogando sobre a EJA no Brasil

A história da EJA no Brasil é marcada por avanços e retrocessos, fruto de distintos projetos, criados, recriados e extintos, em função de interesses diversos, que nem sempre tinham como objetivo primordial proporcionar educação aos que a ela não tiveram acesso na idade certa por diferentes motivos.

Numa breve retrospectiva da história da alfabetização de jovens e adultos no período colonial, percebe-se que esta, inicia-se ainda no início do século XVI, com a igreja católica promovendo a catequização dos índios, cujo propósito era impor a crença religiosa cristã e facilitar o processo de dominação. Desde então, já se observa que está em jogo a questão do poder e subjugação do nativo, vulnerável, podendo ser classificado, por analogia, como menos favorecidos.

No período colonial não havia interesse em institucionalizar a escola, já no período imperial encontra-se fortes preocupações com a escola no Brasil, sendo por meio da educação escolar a busca pela civilização dos grupos desfavoráveis, e assim, continuava a dedicação por voluntários, buscando alfabetizar quem não tinha acesso à educação escolar. Um grande exemplo desse voluntariado foi Isidora de Santa Clara, e por mais que fosse uma educação com caráter beneficente, se dedicou em ensinar a quem precisava. O ano de 1830 no estado do Pernambuco foi marcado pelo trabalho desenvolvido por Isidora de Santa Clara, com o desejo de alfabetizar seus colegas de trabalho, constituindo a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais e mais tarde nomeada de Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco.

A educação de adultos passou por vários momentos fundamentais na história, mas foi na década de 1930 que passou a existir o supletivo, apesar de ter sido um projeto regulamentado quarenta anos depois, com a LDB (Lei de Diretrizes e Base

de 1971). É na década de 40 que surgem iniciativas para ampliar a educação de adultos, isso só foi possível com Estado Novo, dando assim, a possibilidade de campanhas de alfabetização de adultos. Algumas iniciativas que ampliaram a educação nesse período foram a criação e a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP) aponta no seu decreto que os seus recursos do Fundo Nacional de Ensino Primário se destinarão à Art.3º "ampliação e melhoria do sistema escolar primário de todo o país. Esses recursos serão aplicados em auxilio a cada um dos Estados e manter ao Distrito Federal, na conformidade de suas maiores necessidades". O FNEP foi um marco propulsor para a educação de adultos.

> Na década de 40 foi regulamentado o Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), criado pelo professor Anísio Teixeira. Esse fundo tinha como objetivo garantir recursos permanentes para o ensino primário. Anísio Teixeira se preocupava com a desigualdade econômica e cultural reinante entre os municípios, o que ocasionava a formação desigual dos alunos. (FRIEDRICH et al., 2010, p. 395)

Nessa época também se destaca o INEP, segundo o decreto-lei cabia ao INEP "organizar a documentação relativa à história e ao estado atual das doutrinas e técnicas pedagógicas, esclarecimento e solução sobre problemas pedagógicos" entre outras obrigações. O INEP tornou-se uma referência para a questão educacional no país e é nesse período que há o surgimento das primeiras obras dedicadas ao ensino supletivo, o lançamento da Campanha de Educação de Adolescente e Adultos (CEAA), entre outras iniciativas que marcaram essa época.

> A criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), organismo responsável pelo incentivo e realização de estudos na área da educação data dessa década. Outro marco desta trajetória foi a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) na qual se começou a pensar o material didático para a educação de adultos. Este foi seguido por outros fatores da estruturação da EJA tais como: a realização do 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos em 1947 e do Seminário Interamericano de Educação de Adultos, em 1949. (FRIEDRICH et al., 2010, p. 396)

Em 1947, o MEC promoveu a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). A campanha possuía duas estratégias: os planos de ação extensiva (alfabetização de grande parte da população) e os planos de ação em profundidade

(capacitação profissional e atuação junto à comunidade). O objetivo não era apenas alfabetizar, mas aprofundar o trabalho educativo. Essa campanha denominada CEAA atuou no meio rural e no urbano, possuindo objetivos diversos nas diretrizes comuns. A CEAA foi criada com a preocupação direcionada para o analfabetismo adulto, para poder ter mão de obra qualificada para o mercado de trabalho.

Nos anos 50, uma das realizações foi a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), sua prioridade era educar crianças e jovens, como uma possibilidade de vida melhor.

> O Governo de Juscelino Kubitscheck de Oliveira instituía-se como preocupado com a conscientização do povo brasileiro e com a participação da população mais pobre, em um esforço conjunto para a construção do país. Assim, criou a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) com o objetivo de diminuir os índices do analfabetismo, mas que por motivos financeiros foi extinta em 1963. (FRIEDRICH et al., 2010, p. 397)

Essa campanha foi extinta em 1963, junto com outras do mesmo período. O final da década de 50 teve duas tendências marcantes, é o que destaca Gadotti e Romão (2011).

> No final dos anos 1950, duas são as tendências mais significativas na educação de adultos: a educação de adultos como educação libertadora, como “conscientização” (Paulo Freire) e a educação de adultos entendida como educação funcional (profissional), isto é, o treinamento de mão de obra mais produtiva, útil ao projeto de desenvolvimento nacional dependente. (GADOTTI e ROMÃO, 2011, pag. 43).

No âmbito internacional, no que se refere a história da educação de jovens e adultos, vale ressaltar as seis Conferencias Internacionais (Confintea). A primeira delas foi realizada na Dinamarca em 1949, de acordo com Gadotti e Romão (2011):

> A partir da I Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, realizada na Dinamarca (1949), a educação de adultos foi concebida como uma espécie de educação moral. A escola não havia conseguido evitar a barbárie da guerra. Ela não havia dado conta de formar o homem para a paz. Por isso se fazia necessário uma educação “paralela”, fora da escola, cujo objetivo seria contribuir para o respeito aos direitos a humanos e para a construção de uma paz duradoura, que seria uma educação continuada para jovens e

> adultos, mesmo depois da escola. (GADOTTI e ROMÃO, 2011, pag. 41).

A I Conferência Internacional sobre educação de adultos teve a missão de contribuir para a consolidação da paz mundial, sendo um marco da história para a evolução da educação. A partir dessa primeira, ocorreram outras conferências que foram substanciais na história da educação, com a capacidade de mostrar ao mundo o poder que uma educação de qualidade tem na vida das pessoas de um país como um todo.

A II Conferência foi realizada em Montreal (1963), é o que também mostra Gadotti e Romão (2011).

> Depois da II Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, realizada em Montreal (1963), apareceram dois enfoques distintos: a educação de adultos concebida como uma continuidade da educação formal, como educação permanente, e, de outro lado, a educação de base ou comunitária. (GADOTTI e ROMÃO, 2011, pag. 41).

As conferências Internacionais tiveram o papel importante de promover a educação de adultos não apenas como um direito humano básico, mas principalmente um elemento integrante e essencial da aprendizagem e educação ao longo da vida. Quase dez anos após, acontece a próxima conferência: a III Conferência Internacional sobre Educação de Adultos em Tóquio (1972) citada por Gadotti e Romão (2011) que nessa fase a educação é vista como suplência da educação fundamental.

> Depois da III Conferência Internacional sobre Educação de Adultos realizada em Tóquio (1972), a educação de adultos volta a ser entendida como suplência da educação fundamental (escola formal). O objetivo da educação de adultos era reintroduzir jovens e adultos, sobretudo os analfabetos, no sistema formal de educação. (GADOTTI e ROMÃO,2011, pag. 41).

É na terceira conferência que se vê o reconhecimento que é preciso adotar um conceito mais amplo de educação e assim, garantir a educação da população em todas as idades, só desta forma haverá o desenvolvimento educacional, econômico e cultural do país. Na sequência, na década de 80 ocorre a IV Conferencia:

> Em 1985, foi realizada a IV Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, na cidade de Paris, que se caracterizou pela pluralidade de conceitos. Foram discutidos muitos temas, entre eles: alfabetização de adultos, pós-alfabetização, educação rural, educação familiar, educação da mulher, educação em saúde e nutrição, educação cooperativa, educação vocacional, educação técnica. Dessa forma, a Conferência de Paris "implodiu" o conceito de educação de adultos. (GADOTTI e ROMÃO, 2011, pag. 41).

Resumidamente, a IV Conferência ressaltou a importância de todos terem direito a uma educação de qualidade, com acesso a todos os recursos educacionais para assim desenvolver suas capacidades individuais e coletivas, podendo ver o mundo de outra forma e poder escrever sua própria história, fazendo parte desse mundo deixando de ser um excluído. Consecutivamente, a V Conferência denominada Conferência Mundial sobre Educação para Todos. É destacada pela Declaração Mundial que a educação pode contribuir para: "conquistar um mundo mais seguro, mais sadio, mais próspero e ambientalmente mais puro, que, ao mesmo tempo, favoreça o progresso social, econômico e cultural, a tolerância e a cooperação internacional".

> A Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jomtien (Tailândia), em 1990, entendeu que a alfabetização de jovens e adultos seria uma primeira etapa da educação básica. Ela consagrou, assim, a ideia de que a alfabetização não pode ser separada da pós-alfabetização, isto é, separada das "necessidades básicas de aprendizagem". (GADOTTI e ROMÃO, 2011, pag. 42).

A VI Conferência Mundial sobre Educação ocorreu no Brasil (2009) em Belém, com o objetivo de reavaliar os principais pontos da V Conferência que não foram plenamente cumpridos. Segundo Timothy Denis Ireland:

> O Marco de Ação de Belém, aprovado durante a Conferência VI, estabeleceu recomendações e compromissos com base em sete eixos voltados para: alfabetização de adultos, politica, governança, financiamento, participação, inclusão e equidade, qualidade e por fim, monitoramento. (IRELAND, vol.1 nº1, 2013, pag. 17)

Outro momento relevante da história da educação de adultos foi o ano de 1964, quando os movimentos de alfabetização foram reprimidos pelo Golpe Militar na década de 60, principalmente os movimentos que tinham como iniciativa da igreja, que defendia o fortalecimento de uma cultura popular. Neste período de 1958 a 1969,

programas permanentes de enfrentamento do problema da alfabetização foram criados e em seguida extintos pelo Golpe do Estado de 1964. Podemos citar os “CPCs (Centros Populares de Cultura), extinto logo depois do golpe militar de 1964, e o MEB (Movimento de Educação de Base), apoiado pela igreja e cuja duração foi até 1969” (GADOTTI E ROMÃO, 2011, pag.43). Nessa década, a educação de adultos era entendida a partir de uma visão das causas do analfabetismo, como educação de base, articulada com as “reformas de base”, defendidas pelo governo popular João Goulart.

Outro destaque para a educação de adultos foi a década de 70, mesmo enfrentando os problemas da ditadura militar, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, que tinha como objetivo acabar com o analfabetismo em uma década. A maior crítica em relação ao MOBRAL era o fato de ser um programa educacional que não se preocupava em relação a formação do homem e somente ensinar a ler e escrever, como o regime militar desejava. Em 1985 o MOBRAL foi extinto e as atividades da educação de jovens e adultos passaram a ser promovidas pela Fundação EDUCAR.

Para Gadotti e Romão (2011):

> O MOBRAL foi concebido com um sistema que visava basicamente ao controle da população (sobretudo rural). Em seguida, com a “redemocratização” (1985), a “Nova República”, sem consultar os seus 300 mil educadores, extingue o MOBRAL e cria a Fundação Educar, com objetivos mais democráticos, mas sem os recursos de que o MOBRAL dispunha. A educação de jovens e adultos foi, assim, enterrada pela “Nova República” e o autodenominado “Brasil Novo” (1990). (GADOTTI e ROMÃO,2011, pag. 43).

Com o fim do MOBRAL, a fundação EDUCAR (1985) dá continuidade aos seus objetivos. A Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos tem a finalidade de promover efetivação de programas de alfabetização e educação básica, destinados aos que não tiveram acesso à escola por diversos motivos, no ano de 1990 foi extinta a Fundação EDUCAR, surge assim o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC) similar aos outros projetos aos quais os interesses políticos se sobrepunham aos interesses coletivos. Mais uma vez como muitos outros programas anteriores foi extinto. O PNAC foi eliminado em menos de um ano, o mesmo tinha a finalidade de reduzir o índice de analfabetismo em 70% num período de cinco anos. Após 1996 foram criados muitos outros programas:

Programa Alfabetização Solidaria (PAS), programa que não se restringiu somente ensinar a ler e escrever seu próprio nome, mas compreender o processo em que consiste ensinar, um objetivo que amplia a visão de mundo do educando.

> O Programa Alfabetização Solidária (PAS) foi concebido em 1996, no âmbito do Conselho da Comunidade Solidária, organismo vinculado à Casa Civil da Presidência da República com a função de coordenar ações sociais emergenciais de combate à pobreza. Consiste em uma campanha de alfabetização, desenvolvidas mediante o estabelecimento de parcerias entre os poderes públicos federal e municipal, empresas, organizações da sociedade civil, fundações empresariais e instituições de ensino superior. (DI PIERRO e GRACIANO, 2003, pag. 30)

Outro programa criado em seguida foi o Brasil Alfabetizado (2003), esse foi lançado no governo Lula, programa em execução até os dias atuais e tem como prioridade as pessoas analfabetas com 15 anos ou mais, visando garantir a continuidade dos estudos aos beneficiados do programa, contribuindo para a universalização do ensino fundamental no Brasil, é o que nos mostra o decreto nº 6.093, de 24 de abril de 2007. “Art. 1° O Programa Brasil Alfabetizado tem por objetivo a universalização da alfabetização de jovens e adultos de quinze anos ou mais”. O Brasil Alfabetizando é um programa em parceria entre o MEC e os órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos junto com a UNESCO.

> Em janeiro (2003) o Ministério da Educação anunciou que a alfabetização de jovens e adultos será uma prioridade da nova administração. Foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo (SEEA) com a meta erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos, em ritmo mais acelerado que o estabelecido pelo Plano Nacional de Educação. Para cumprir essa meta, a SEEA lança o Programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuirá financeiramente com órgãos públicos estaduais e municipais [...]. (DI PIERRO e GRACIANO, 2003, pag. 39)

A história da educação de jovens e adultos no Brasil, pode ser esquematizada no quadro (1) a seguir.

Quadro 1

Esquema da história da educação de jovens adultos no Brasil		
Período	Objetivos	Méritos alcançados
Período colonial 1500	Catequização de índios	Educação voluntaria
Período imperial 1822-1889	Institucionalização da educação. Busca a civilização dos grupos desfavoráveis.	Educação voluntaria
Década de 30	Educação como modelo do futuro. (Surgi o supletivo, regulamentado após 40 anos 1971)	Escolarizar com baixo custo.
Década de 40 FNEP, INEP, CEAA. 1ºConfintea 1949	Alfabetizar e aprofundar o trabalho educativo, promover uma educação que respeite os direitos humanos.	Ampliação da educação de adultos, voltada para qualificação de mão de obra.
Década de 50 CNEA	Educar como possibilidade de uma vida melhor.	Educação libertadora educação funcional
Década de 60 CPCs, MEB 2ºConfintea 1963	Educação como direito humano básico. Defesa do fortalecimento cultura popular	Programas de alfabetização extinto pelo Golpe Militar.
Década de 70 MOBRAL 3ºConfintea1972	Acabar com o analfabetismo em uma década.	Educação comunitária. MOBRAL não alcançar seus objetivos.
Década de 80, Fundação EDUCAR, 4ºConfintea1985 e Constituição de 1988.	Promover e efetivar programas de educação para quem não teve acesso à educação. Defesa da escola pública para todos.	Garantia constitucional e gratuita da educação para quem não teve acesso na idade apropriada. Fim do MOBRAL 1985.
Década de 90 5ºConfintea PNAC e PAS	A alfabetização não pode ser separas das necessidades básicas de aprendizagem.	A EJA perde espaço nas ações governamentais. Fim da Fundação EDUCAR.
A partir do ano 2000, Brasil Alfabetizado 6ºConfintea 2009	Alfabetizar a parti dos 15 anos ou mais. Reduzir os níveis de alfabetismo em 50% até 2015	Continuidade dos estudos e universalização do ensino fundamental.

FONTE: DI PIERRO e GRACIANO, 2003; GADOTTI e ROMÃO, 2011; IRELAND, 2013. (Adaptado por Elizangela dos Anjos Moreira, 2016).

1.2. Documentos que subsidiam o trabalho na EJA

Segundo as novas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica 2010 (LDB), a instituição da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é vista como uma forma em que o Brasil encontrou para saldar a dívida com aqueles cidadãos que não estudaram na idade convencional, por isso foram privados de direitos econômicos, políticos e sociais, direitos esses que são essenciais na vida de uma pessoa. A EJA vem transformar sonho em realidade, pessoas que nunca tiveram a oportunidade de frequentar uma sala de aula ganham o direito a ser alfabetizados, pois é o que garante a Constituição Federal de 1988.

A história da sociedade brasileira retrata muito bem essa situação, na qual os analfabetos não tinham acesso aos mesmos direitos de quem era alfabetizado. Ser analfabeto ser pobre, quem tinha a sorte de saber ler e escrever era pertencer a outra hierarquia social: a dos ricos. Os analfabetos eram tidos como incapazes socialmente e juridicamente. Trazendo essa situação para os dias atuais, o quadro não muda muito, parte dos cidadãos que não puderam estudar na sua infância, seja porque tinham de trabalhar para ajudar os familiares, seja para cuidar dos filhos entre outros motivos, são sempre situações ligada a contextos de famílias de baixa renda.

Com a Constituição Federal de 1988, esse quadro vem mudando gradativamente, ao menos nos que diz respeito ao tratamento dado pela legislação.

> Constituição Federal de 1988 Art. 208: O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

A Constituição Federal de 1988, foi um ponto de partida para melhorar a história da educação do povo brasileiro. Com o Estado assumindo a responsabilidade de ensino gratuito e de qualidade para todos, inclusive para aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar na idade recomendada, a partir deste momento surge a proposta de educação voltada para jovens e adultos, tendo um excelente apoio de Paulo Freire. Tal proposta visava levar a educação para cada canto do Brasil, uma alfabetização transformadora, é o que nos mostra Freire (1979), que se preocupava muito além de ensinar a ler e escrever, e sim, despertar em cada um a capacidade

de ler e interpretar o que se lê e sempre comparar com a realidade vivida de cada aluno, essa proposta de ensinar faz com que jovens e adultos desenvolvam um senso crítico e seja uma pessoa formadora de opinião.

A EJA tem a preocupação de elaborar um ensino voltado para alunos que não podem ser tratados como crianças crescidas, mais sim, jovens e adultos que foram de alguma forma privados de estudar na idade adequada.

O ponto de vista de Paulo Freire (1979) sobre alfabetização:

> Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escreve o que se entende. (...). Implica uma outra formação da qual se pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente diálogos com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com que os quais possa se alfabetizar. (FREIRE, 1979, pag.72).

Freire (1979) deixa claro que a formação de um cidadão consiste em faze-lo ser consciente e atuante, que seja capaz de promover mudanças sociais.

A nossa sociedade tem se desenvolvido a cada passar dos anos, e o mercado de trabalho tem acompanhado essa evolução, principalmente com suas novas tecnologias. Com todo esse desenvolvimento, surge a concorrência no mercado de trabalho, onde pessoas cada dia mais capacitadas ocupam os melhores lugares nas empresas e quem não pode se capacitar, acaba ficando com os cargos do subemprego. Esses são uns dos motivos que tem levado muitos jovens e adultos às salas de aulas, procurando uma melhoria de vida para ter sucesso pessoal e profissional. A educação é de fundamental importância na vida de uma pessoa, é o instrumento essencial que vai permitir uma vida melhor, com boa capacitação para poder competir no mercado de trabalho, é o que confirma Cury (1988, pag. 19) “Afinal, sem a escola seria difícil formar o cidadão e torná-lo força produtiva eficaz”.

A seguir a Constituição Federal de 1988 (art. 205), afirma que a educação visa a qualificação para o trabalho, ou seja, a educação que o cidadão tem direito vai muito além de somente ensinar a ler e a escrever.

> art. 205: a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho. (Constituição Federal, 1988)

A EJA foi designada com a finalidade de ajudar jovens e adultos, que por algum motivo deixaram a sala de aula sem concluir o ensino fundamental ou médio e até mesmos aqueles que nunca frequentaram uma escola e querem concluir o ensino para uma melhor garantia de vida.

Quanto ao disciplinamento legal que a Educação de Jovens e Adultos recebe na LDB, vale destacar:

> Art. 37 A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudar no Ensino Fundamental e Médio na idade própria. § 1° Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 2° O poder público viabilizará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ação integradas e complementares entre si. (Diretrizes Curriculares da EJA, 2010)

Segundo as Diretrizes Curriculares da EJA 2010, os cursos de EJA devem pautar-se pela flexibilidade, tanto de currículo quanto de tempo e espaço, para que seja:

> I – rompida a simetria com o ensino regular para crianças e adolescentes, de modo a permitir percursos individualizados e conteúdos significativos para jovens e adultos; II – provido suporte e atenção individual as diferentes necessidades dos estudantes no processo de aprendizagem, mediante atividades diversificadas; III – valorizada a realização de atividades e vivências socializadoras, culturais, recreativas e esportivas, geradoras de enriquecimento do percurso formativo dos estudantes; IV – desenvolvida a agregação de competências para o trabalho; V – promovida a motivação e orientação permanente dos estudantes, visando à maior participação nas aulas e seu melhor aproveitamento e desempenho; VI – realizada sistematicamente a formação continuada destinada especificamente aos educadores de jovens e adultos. (Diretrizes Curriculares da EJA, 2010)

A modalidade da EJA vem sendo desenvolvida para formar educandos a partir de temas relevantes para a sociedade atual, usando sempre em sala de aula práticas que possam ser assimiladas no seu cotidiano, desenvolvendo assim um bom trabalho, oportunizando a esses alunos não apenas que sejam alfabetizados, mas que também tenham acesso e façam parte da cultura. Essa é a função da EJA, porém, o que a realidade em sala de aula nos mostra são outras estatísticas, alunos aprovados para seres elevadas sem ter ao menos uma alfabetização de qualidade e sendo meros analfabetos funcionais, simplesmente para mostrar que o analfabetismo no país diminuiu. É o que demostra Gadotti (2008):

> A pedido do Instituto Paulo Montenegro, o IBGE constatou, em 2005, que existiam 9% de analfabetos entre quinze e 64 anos. Os demais 91% distribuíam-se nos seguintes grupos de letramento: 31% leem e entendem um pequeno anúncio ou título de um jornal (um bilhete simples); 34% leem e entendem pequenas matérias de jornal; 26% têm domínio da leitura e da escrita. Em conclusão, no Brasil, apenas um em cada quatro brasileiros, acima de quinze anos sabe, realmente, ler e escrever, isto é, leem e sabem o que estão lendo. Isso significa que, de cada quatro brasileiros, três são analfabetos. Os diferentes institutos de pesquisa e censos mostram consistência: somos um país com um enorme atraso educacional impedindo o desenvolvimento e a justiça. Preocupante! Sem uma decisão política clara e o envolvimento da sociedade, estaremos nos distanciando cada vez mais do ritmo de progresso social de outros países em desenvolvimento [...] (GADOTTI, 2008, pag. 13).

Com as estatísticas apontadas acima, é oportuno analisar o processo de ensino da geografia na EJA, verificando a aprendizagem dos alunos, tendo por base as práticas docentes, procurando meios que venha através dessa pesquisa desmistificar a geografia voltada para conceitos definitivos, onde o que importava era decorar nomes de rios, países, capitais entre outros, não passava de dados técnicos uma metodologia que não faz o aluno desenvolver o ser crítico argumentativo. É de alunos com uma perspectiva crítica que o Brasil necessita e não meros decoradores de estatísticas, pois para ser um ser formador de opinião, a sociedade necessita de educação de qualidade. Se a educação é obrigatória e gratuita, então tem que se fazer garantir esse direito a todos, o homem não pode viver isolado da sociedade, ele faz parte dessa sociedade, de uma cultura, de uma história. Essa inquietação surge da metodologia desenvolvida pela geografia tradicional, que não deixa o aluno pensar, argumentar a questionar, uma geografia que não passava somente de obter

informações técnicas de decoração, um conhecimento que era imposto pelo professor e só era absorvido pelos alunos e não questionado.

Nas palavras do autor Freire 1993:

> O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido do, ou concomitante ao ato de aprender o conteúdo ou o objeto cognoscível, com que o educando se torne produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado. (FREIRE, 1993, pag. 188)

Os alunos das turmas da EJA compreendem que o ser humano faz parte da cultura, da história de uma sociedade, que esse ser tem que participar da política do desenvolvimento desta sociedade para assim compreender a sociedade que está inserido.

O governo não tem que somente promover programas de educação, tem também que capacitar os educadores para ensinar da maneira adequada a esses alunos, para não formarem alunos analfabetos funcionais.

> Não adianta o governo promover programas de educação sem antes fazer uma reestruturação, reorientação curricular, nos programas que já existem, dessa forma facilitará o acesso ou permanência dos alunos principalmente os adultos a permanecer na sala referente ao ensino do EJA educação para jovens e adultos. (GADOTTI, 2008, pag.230)

São muitas as pessoas que tem o sonho de conseguir um bom emprego, ou até uma mãe que não sabe ler e escrever tem a vontade de ajudar seus filhos nas atividades do colégio, mas por algum motivo social, foi privada de frequentar a escola na idade adequada, e foi na EJA que encontrou a oportunidade de realizar um sonho. É acreditando na EJA que segui em busca de oportunidades. “Uma longa caminhada começa por um pequeno passo, e esse primeiro passo é acreditar na educação de jovens e adultos”. (GADOTTI, 2008, pag.20)

Se o analfabetismo está relacionado com problemas sociais, então se esses problemas fossem sanados, o analfabetismo deixaria de existir, porém, parece que o governo necessita de pessoas que não tenham uma formação de opinião crítica que saiba argumentar, que não saibam discernir o conhecimento verdadeiro do

conhecimento da “ilusão”, pessoas que acreditem em tudo que lhe é dito sem questionar e impor seus direitos como cidadão. É o que nos aborda Cury (1988):

> A erradicação do analfabetismo, preocupação constante nos meios educacionais, seria motivo de intensas campanhas jornalísticas. Seja pela consciência acrítica de que a superação do analfabetismo significa a abertura do país a nível dos países desenvolvidos, seja porque aumentaria o “curral eleitoral” [...] (CURY,1988, pag. 18)

A constituição federal garante uma educação de qualidade a todos, sem extinção de classe social ou raça, por isso a sociedade tem que exigir uma nova reestruturação na qualidade de ensino, principalmente na modalidade da EJA. É o que defende Cury, (1988, pag. 21) “A escola aberta a todas classe e camadas, ou seja, igualmente a todos, torna-se o instrumento capaz de reconstruir a sociedade”.

1.3. A formação de professores para atuação na EJA

Com a fragilidade das políticas publica que articulam a educação de jovens e adultos, o professor da EJA não tem recebido atenção necessária nos cursos de formação de professores. Boa parte dos docentes que atuam com jovens e adultos são os mesmos do ensino regular, os quais, tentam adaptar a metodologia ao público da EJA.

Muitos docentes da EJA complementam sua carga horaria em período noturno, acarretando a jornada de trabalho, dificultando o ensino aprendizagem e interação entre aluno professor. A rotatividade de docentes e a inexistência de equipes especialmente dedicadas à educação de jovens e adultos impede a formação de um corpo técnico especializado e dificulta a organização de projetos pedagógicos específicos para esta modalidade, limitando as possibilidades e os resultados de eventuais iniciativas de capacitação em serviço.

O professor da EJA se encontra inseguro em razão das inúmeras dificuldades em sala de aula, as quais os levam a optar por manter as aulas rotineiras e repetitivas, deixando de investir em aulas dinâmicas e inovadoras, em contrapartida, Paulo Freire (1993) aponta que o professor deve ousar e ter clareza de como ensinar para permanecer em sala de aula e não fracassar perante as dificuldades da EJA.

> É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer *não* à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-la, com vantagens materiais. (FREIRE, 1993, pag. 8 a 9)

Para melhorar o ensino da EJA, a formação continuada ao longo da carreira profissional pode contribuir para os docentes dessa modalidade de ensino, na troca de experiências, uma ação mais eficiente, levando-os na direção de um trabalho pedagógico preparado a enfrentar a diversidade cultural de seus alunos e, por consequência, melhorar o desenvolvimento destes. É necessário compreender e respeitar a pluralidade cultural, as identidades, as questões que envolvem classe, raça, saber e linguagem dos alunos, valorizando a sua bagagem histórica. Segundo Freire (1993, pag.9) “O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil.

Dessa forma, faz-se necessário uma qualificação dos profissionais envolvidos neste processo, é fundamental que a equipe docente esteja bem preparada, por este motivo é extremamente importante uma formação continuada, onde todos tenham a oportunidade de repensar a sua prática. Pois, a formação continuada é um processo possível para a melhoria da qualidade do ensino, dentro do contexto educacional contemporâneo.

2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS TURMAS DA EJA

O capitulo a seguir apresenta o ensino de geografia como disciplina fundamental para o processo de construção de aprendizagem na vida dos alunos da EJA, na qual, o professor deve procurar estimular o interesse do aluno para a disciplina, estabelecendo relações dos assuntos com o cotidiano dos alunos, deixando o método de memorização de lado e, assim, contribuir para formar alunos críticos, formadores de opiniões, e não meros decoradores de estatísticas. Na construção do conhecimento das turmas da EJA tudo depende da metodologia do professor.

2.1. Geografia: disciplina fundamental no processo de construção do conhecimento

Conforme já mencionado a EJA tem a finalidade de garantir a educação aos jovens e adultos, que por infinitos motivos foram privados da mesma na idade adequada, a EJA traz a possibilidade de inserção social, principalmente por meio do trabalho, deixando de lado as profissões de subemprego as quais são ocupadas por pessoas analfabetas, que não tiveram direito a educação. Com a EJA, surge a realização de um sonho de vida melhor, com uma profissão de qualidade, que os façam sentir dignidade em viver em uma sociedade que a garantia da educação é de todo cidadão. É o que nos aponta as Diretrizes Curricular 2010, pag.40 a 41.

> O inciso I do artigo 208 da Constituição Federal determina que o dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria. Este mandamento constitucional é reiterado pela LDB, no inciso I do seu artigo 4º, sendo que, o artigo 37 traduz os fundamentos da EJA ao atribuir ao poder público a responsabilidade de estimular e viabilizar o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si, mediante oferta de cursos gratuitos aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, proporcionando-lhes oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. Esta responsabilidade deve ser prevista pelos sistemas educativos e por eles deve ser assumida, no âmbito da atuação de cada sistema, observado o regime de colaboração e da ação redistributiva, definidos legalmente. (Diretrizes Curricular, 2010)

Neste contexto, a Geografia é uma disciplina fundamental no processo de construção do conhecimento. É indispensável discutir geografia para a formação do caráter socioeducativo. A geografia está voltada para o estudo da Terra e sua ocupação pelo homem; essa disciplina não se restringe à geografia física (relevo, vegetação, clima etc.), muitas vezes as aulas de geografia só se limitam a estudar essa parte física deixando na mente de muitos alunos o pensamento que as aulas de geografia não serviram para nada de importante no dia a dia da vida desses alunos, sendo que a geografia vai bem além de estudar relevo, vegetação e clima, também analisa como a população humana transforma o meio ambiente em espaço social e também procura ajudar o homem a entender o espaço em que vive.

Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete 2007:

> A Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia. (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2007, pag. 38)

As aulas de Geografia devem partir de uma relação interna entre os conteúdos físicos, humanos e econômicos inseridos no cotidiano do aluno, e nunca os aborda meramente como uma exposição de um conjunto de conteúdos distintos. Ao se analisar os conteúdos físicos, se deve unir os aspectos do clima, solo, relevo e hidrografia, fazendo uma articulação entre eles e a realidade vivida pelos alunos, facilitando dessa forma, a compreensão dos alunos da EJA a compreender o espaço que os cercam. As discussões dos conteúdos humanos nas aulas de geografia, inúmeras vezes são tratados como se a natureza existisse para servir ao homem com todos seus recursos naturais. O professor de Geografia não deve passar essa imagem aos alunos, e sim, a ideia de que devemos usar os recursos naturais, mas acima de tudo os preservar, dar tempo à natureza para se regenerar, pois com a degradação, ela vai sendo destruída. Ao mesmo se refere aos conteúdos econômicos. Suas explicações em sala de aula não devem ser restritas a descrever como o homem transforma o ambiente por meio das inúmeras atividades econômicas, tem que haver uma relação dessas atividades com a degradação dos recursos explorados e sucessivamente as consequências sócio ambientais. Desta

forma, o professor vai muito além de descrever e explicar os fenômenos, e sim ele deve contextualizar todos os assuntos com relação ao lugar ao qual o aluno está inserido, deixando de lado o método de memorização, fazendo com que os alunos aprendam.

Para Carvalho, 1998:

> Tradicionalmente é a geografia uma disciplina rotulada no rol das matérias decorativas, uma espécie de prima pobre da história. O ensino da geografia sempre foi baseado na memorização de nomes, quer de rios, de montanhas, de cidades, ou de qualquer outro aspecto do espaço, desde o seu surgimento como disciplina escolar. (CARVALHO, 1998, pag.25)

Um verdadeiro professor só ensina a seus alunos quando eles conseguem transformar as informações em conhecimento, desta forma, o professor está auxiliando seu aluno a aprender a argumentar, a participar das aulas, ser um cidadão formador de opinião. Segundo Selbach, (2010, pag. 42), “ um bom ensino de Geografia é essencial que o aluno possa transformar as informações que ouve em conhecimento, sendo ajudado pelo professor para perceber todo seu significado e toda a sua amplitude. ” No processo de aprendizagem, o professor deve levar em conta as dificuldades de se aprender que a mesma rapidez de assimilar o conhecimento, pode ser a dificuldade do outro, nesse caso, o professor deve ter ferramentas apropriadas para auxiliar todos os alunos.

As aulas de geografia devem fazer o aluno ser o centro do processo de construção do saber, e não um memorizador de conceitos fornecidos pelo professor. O quadro (2) a seguir faz uma comparação de um processo ensino-aprendizagem tradicional versus contemporâneo.

Quadro 2

	Formas tradicionais de se pensar a aula e o processo de ensino-aprendizagem	**Forma contemporânea de se pensar a aula e o processo de ensino-aprendizagem**
Conteúdos conceituais	Informação pré-organizada produzida por terceiros e que chegava ao aluno completa.	O conhecimento resulta da interação entre o indivíduo, a informação exterior e o

	Corpo dos saberes existentes a memorizar.	significado que este lhe atribui. É consequência de processo de construção que envolve o aluno como sujeito de sua aprendizagem.
Ação docente	Difusão de informações pré-fabricada e imposição de normas e convenções exteriores, chegadas prontas aos alunos.	Ensinar é ajudar os alunos a confrontar e ressignificar informações relevantes no âmbito da relação que estabelecem com a realidade, capacitando-os para reconstruir significados atribuídos a essa realidade e a essa relação.

FONTE: SELBACH, 2010, pag. 43 (adaptado por Elizangela dos Anjos Moreira 2016)

Os assuntos de Geografia são vistos como verdades absolutas, por meio de aulas expositivas, principalmente auxiliadas com o livro didático nas quais “o professor é o detentor do conhecimento e o aluno o receptor” (CARVALHO, 1998, pag. 27), não há uma interação entre professor aluno e aluno professor. A ciência geográfica tem passado por inúmeros processos de renovação desde as últimas décadas, por meio de discussões acadêmicas. Por esse fato, seria inaceitável o comportamento de tais professores com métodos tradicionais, por outro lado, deve-se levar em consideração que tais professores, ao ter conhecimento das novas propostas curriculares para o ensino da Geografia, são apresentados de forma desordenada, pouco aprofundada. Muitas vezes esse conhecimento é repassado por cursos de reciclagem ou de capacitação com duração de poucas horas ou dias, o que é insuficiente.

Se engana quem pensa que basta o professor ter domínio do conhecimento geográfico para ser um excelente professor, que saiba transmitir seu conteúdo para os alunos, especialmente os alunos da EJA que já vem para a sala de aula com seus conhecimentos informais. Acima de tudo, o professor precisar ter clareza sobre como ensinar e para quê ensinar Geografia. É preciso ter eficiência no método pedagógico, saber transmitir o assunto de maneira clara, procurando identificar quais as dificuldades do aluno e buscar salientar essas dificuldades, e nunca passar para

segundos temas sabendo que ainda não existe clareza da parte dos alunos e, dessa forma, procurar respeitar as diferenças sociais, culturais e políticas dos alunos da EJA.

Segundo Gadotti e Romão (2008):

> Enquanto o saber sistematizado, com densidade epistemológica, pode ser adquirido em cursos, treinamentos e capacitações, o ser educador vai se construindo com o saber adquirido na teia das relações historicamente determinadas, que vão construindo as dúvidas, perplexidades, convicções e compromissos. Por isso, não há como fugir de uma análise da inserção do professor na sociedade concreta, abordando todas as dimensões de seu papel atribuído ou conquistado. E não se trata de qualquer professor e de qualquer sociedade; trata-se do educador de jovens e adultos, na sociedade brasileira. (GADOTTI; ROMÃO, 2008, pag.75)

Na aprendizagem dos alunos da EJA, é essencial valorizar o conhecimento informal que cada aluno possui, seja por relações que estabelecem entre diferentes lugares, seja por experiências vividas, seja por informações obtidas pelos meios de comunicações ou até mesmo histórias passadas por gerações, não se pode ignora-los tem que se partir de onde o aluno já sabe. É o que nos confirma Gadotti e Romão (2008 pag. 22) “[...] o senso comum só se supera a partir dele e não com o desprezo arrogante dos elitista”. Nesse ponto de partida, o professor pode usar o conhecimento já obtido dos alunos para eles refletirem com a realidade, analisando assim, o que já se sabe pelo aluno com o novo que o professor deve contextualizar, com saberes geográficos construídos na escola. A melhor forma de se ensinar geografia nas turmas da EJA é apresentar o contexto dentro da realidade do dia-a-dia dos alunos no espaço geográfico de diferentes escalas: local e global. Desta forma, faz o aluno a entender que a geografia está em toda parte, não só em decorar nome de rios, cidades, países e estados. Seguindo essa metodologia, se faz a confirmação de uma nova maneira de se enxergar a Geografia. Segundo Carvalho (1998, pag.34) “a afirmação da geografia, não mais como a prima pobre da história; mas como uma ciência que tem um papel fundamental na explicação do mundo. ” A geografia faz o homem entender o mundo que o cerca e como viver nesse mundo.

Segundo Rios (2011):

> A definição dos conteúdos de ensino em geografia deve levar em conta o cenário atual do mundo em consonância com a dimensão concreta do mundo vivido pelo aluno temas vinculados ao mundo de

> trabalho, ás questões socioambientais e a segregação espacial são exemplos de conteúdos pertinentes à clientela especifica de EJA e aos objetivos da geografia. (RIOS, 2011, pag. 33)

O ensino de geografia para os alunos da EJA encontrar-se quase 100% baseado ao auxílio do livro didático, outro erro que os docentes cometem ao se deixar iludir pelo exagerado vício do livro didático, como já foi dito anteriormente, o livro é um recurso que serve como auxilio e não uso exclusivo em sala de aula. Seguindo bruscamente a didática do livro, as aulas tendem a ficar cada vez mais repetitivas, “chatas”, por esse motivo cabe ao professor diversificar a metodologia usada em sala. A Diretrizes Curriculares 2010 traz grandes relevâncias para o uso das tecnologias em sala de aula.

> As tecnologias da informação e comunicação constituem uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens. Como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais e como tecnologia assistiva; desenvolvidas de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso, inclusive na produção de linguagens. Assim, a infraestrutura tecnológica, como apoio pedagógico às atividades escolares, deve também garantir acesso dos estudantes à biblioteca, ao rádio, à televisão, à internet aberta às possibilidades da convergência digital. Essa distância necessita ser superada, mediante aproximação dos recursos tecnológicos de informação e comunicação, estimulando a criação de novos métodos didático-pedagógicos, para que tais recursos e métodos sejam inseridos no cotidiano escolar. (DIRETRIZES CURRICULARES 2010, pag. 25).

É aconselhado inserir as novas tecnologias em sala, que consiste em algo inovador, nada melhor do que trazer hábitos rotineiros para sala de aula, segundo Gadotti (2008, pag. 139), “Paulo Freire foi um dos pioneiros no uso de novas tecnologias, utilizando o rádio, encomendando gravuras como as de Francisco Brennand e importando projetores de slides da Polônia”. É comum ouvir reclamações de professores sobre o uso de celular nas aulas, nessa ocasião, se pode apresentar o incômodo do celular como ferramenta pedagógica em algumas aulas, tudo depende da imaginação do professor. Alguns exemplos que se podem dinamizar as aulas de geografia podem ser com celular, músicas, vídeos, retroprojetor e diversos jogos educativos, todos esses recursos podem ser apresentados para aula de geografia como uma proposta de renovação metodológica.

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2000):

> As tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou desejamos. Se somos pessoas abertas, elas nos ajudam a ampliar a nossa comunicação; se somos fechados, ajudam a nos controlar mais. Se temos propostas inovadoras, facilitam a mudança. Com ou sem tecnologias avançadas podemos vivenciar processos participativos de compartilhamento de ensinar e aprender (poder distribuído) por meio da comunicação mais aberta, confiante, de motivação constante, de integração de todas as possibilidades da aula-pesquisa/aula-comunicação, num processo dinâmico e amplo de informação inovadora, reelaborada pessoalmente e em grupo, de integração do objeto de estudo em todas as dimensões pessoais: cognitivas, emotivas, sociais, éticas e utilizando todas as habilidades disponíveis do professor e do aluno. (MORAN; MASETTO; BERHRENS, 2000, pag. 27à 28)

O uso das tecnologias em sala de aula subsidia o professor em uma ação docente dinâmica e atrativa, dando oportunidade aos alunos a compreender geograficamente a realidade vivida por cada educando.

3. A EJA EM JACOBINA, NO COLÉGIO MUNICIPAL LUÍS ALBERTO DOURADO DE CARVALHO

A presente pesquisa foi desenvolvida no Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho, situada na rua Anisia de Carvalho, nº 104, no bairro Jacobina III, na cidade de Jacobina - Bahia, tendo como níveis de ensino ministrando o ensino fundamental I, II, tempo juvenil e EJA, a qual é o objeto de estudo dessa pesquisa. Seus alunos são oriundos do mesmo bairro e dos bairros vizinhos: Jacobina IV, Lagoinha, Peru e Morada do Sol. No subcapitulo será discutido o PPP do colégio e os resultados do questionário que foi aplicado no dia 19 de outubro na turma da 7ª/8ª série a 12 alunos, com idade distintas entre 18 a 39 anos. O questionário teve o objetivo de avaliar a metodologia do professor em sala e questionar o aluno sobre a importância da geografia na sua vida.

A imagem (1) a seguir mostra a fachada do Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho, o mesmo vem passando por reforma na qual vem deixando o colégio mais bonito e atrativo.

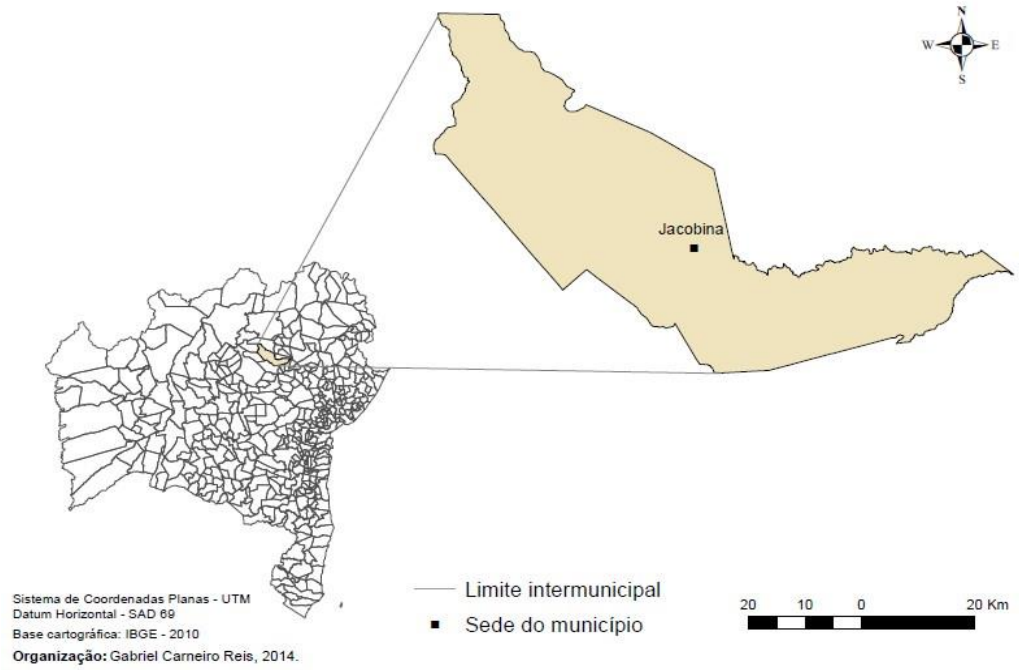
Imagem 1- Fachada do Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho

Fonte: Elizangela dos Anjos Moreira 2016.

3.1. Contextualizando o local de pesquisa

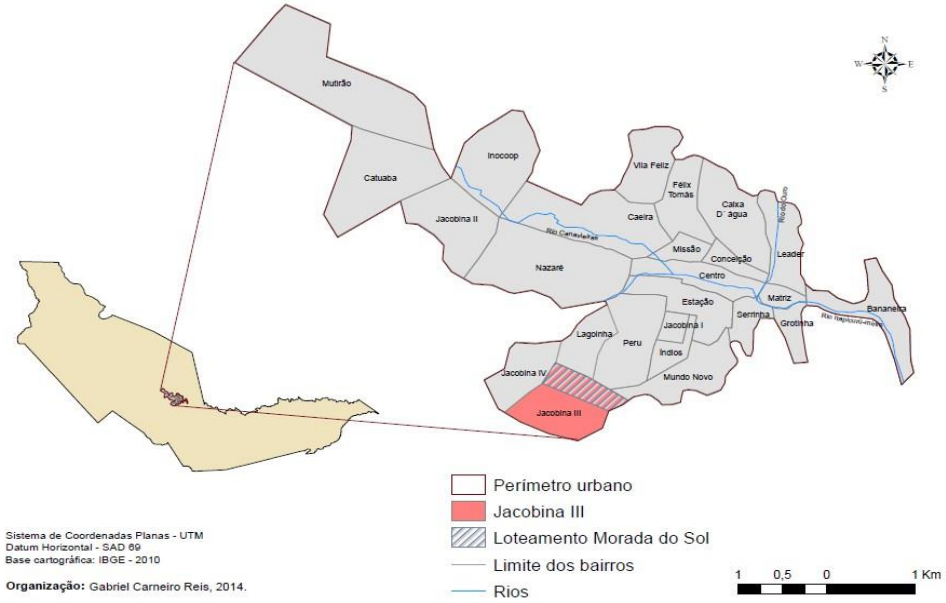
Segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI (2011), o município de Jacobina está localizado no nordeste do estado baiano, abrangendo uma área de 2.319,83 km^2, uma altitude de 463m. Distância entre a sede do município e a capital do estado é de 329 km.

Imagem 2- Localização do município de Jacobina



O Colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho, no qual se deu a pesquisa, está localizado na periferia urbana da cidade de Jacobina, no bairro Jacobina III a oeste do centro, conforme constata-se no mapa da imagem 3, através do mapa é possível verificar a localização do bairro citado e seus limites com os bairros aos quais seus alunos são procedentes.

Imagem 3- Localização do Bairro Jacobina III, no qual está situado o Colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho.



3.2. Discutindo o Projeto Político Pedagógico do Colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho e o PME de Jacobina

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um instrumento que reflete a proposta educacional da escola. É através dele que a comunidade escolar pode desenvolver um trabalho coletivo, cujas responsabilidades pessoais e coletivas são assumidas para execução dos objetivos estabelecidos.

Para se ter acesso ao PPP (Projeto Político Pedagógico) do Colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho foi complexo, com muita insistência a coordenação disponibilizou para a pesquisa. Em primeiro momento, as informações eram que o arquivo ao qual se encontrava o PPP não se sabia onde estava, em seguida foi constatado que se encontrava com a coordenação do turno matutino na qual se mostrou preocupada em disponibilizar o PPP para a pesquisa, mesmo assim o permitiu, mas deixando evidente que não poderia tirar cópias dos mesmos. Ocorrendo assim opostas opiniões, em disponibilizar a cópia do presente documento ou não, uma das assistentes administrativas não concordando com tal atitude, permitiu a reprodução de alguns texto do PPP, a assistente questionou: “se o PPP do colégio está aberto a sugestões, tanto do corpo docente até a própria comunidade, por que então você que pertence a essa comunidade não pode ter acesso ao PPP?”. Visto que a própria comunidade e alunos podem dar sugestões, vir a contribuir com o desenvolvimento do PPP do colégio não há por que não disponibilizar para análise de pesquisa.

Nos próprios parágrafos do PPP confirma as palavras da assistente:

> Assim, este documento é o resultado de um esforço conjunto dos profissionais da educação desta unidade escolar com o objetivo de respaldar as ações administrativas e pedagógicas no âmbito deste estabelecimento educativo. Há consciência, por parte dos educadores e da Comunidade Escolar desta Instituição de Ensino, de que este documento representa apenas um esboço de projeto político pedagógico e se encontra aberto a todo e qualquer tipo de sugestão e encaminhamentos. Sabemos que nenhum projeto político pedagógico pode ser dado como pronto e acabado sob pena de se cristalizar e deixar de acompanhar os movimentos da história. Portanto, buscamos uma escola, onde, pais, alunos, professores e comunidade tenham sua contribuição no processo de ensino, perfazendo uma escola democrática, voltada para a formação de alunos críticos, criativos, reflexivos e autônomos, reconhecedores de sua realidade e que sejam capazes de intervir na mesma para transformá-la. (PPP Projeto Político Pedagógico)

Logo em seguida, é possível compreender o motivo de tal preocupação em disponibilizar o PPP do colégio. O projeto se encontrava totalmente desatualizado, com proposta e objetivos formulados em 2012, os objetivos, metas e propostas para 2016 estavam em pequenos parágrafos ainda em desenvolvimento. A coordenação do colégio justificou que por motivos de falta de tempo para reunir coordenação e corpo docente, os quais se encontravam com carga horário extremamente acarretada, tendo no máximo 40 horas semanais, não terem tempo e disponibilidade para discutir o PPP do colégio, por esse motivo o projeto se encontrava desatualizado, mas mesmo assim conseguiam realizar seus objetivos.

> Objetivo geral para a sociedade: O Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho objetiva sua ação educativa, fundamentada nos princípios da universalização de igualdade de acesso, permanência e sucesso, da obrigatoriedade da Educação Básica e da gratuidade escolar. A proposta é uma Escola de qualidade, democrática, participativa e comunitária, como espaço cultural de socialização e desenvolvimento do educando visando também prepará-lo para o exercício da cidadania através da prática e cumprimento de direitos e deveres. (PPP Projeto Político Pedagógico)

O PPP do colégio Luís Alberto apresenta estratégias para facilitar e desenvolver uma aula criativa com metodologias que venha subsidiar o aluno no processo de aprendizagem, porém, os materiais didáticos necessários não são suficientes para todas as turmas, fazendo com que os professores tenham dificuldades em planejar uma aula dinâmica e eficaz. Por falta de materiais didáticos para todas as turmas, muitos professores acabam ficando acomodados aos livros didáticos, com a desculpa de que não tem um data show ou a sala de vídeo não está disponível no dia da sua aula, esquecendo-se que existem outras formas dinâmicas de tornar uma aula atrativa, como cita o PPP do colégio.

> As principais estratégias utilizadas pelos professores para o alcance do desenvolvimento das abordagens de ensino, que tem como referencial a contextualização e a interdisciplinaridade são: aula expositiva dialogada, seminários, estudo do meio, desenvolvimento de projetos, jogos, debates, simulação, trabalho em grupo, aulas experimentais e pesquisas em internet, livros, revistas e jornais dentre outras. (PPP projeto político pedagógico)

Entre os parágrafos referente aos objetivos a serem obtidos 2016, o PPP aponta os indicativos ao ensino de Jovens e Adultos, trazendo sempre a evidência que a família tem o papel importante na vida escolar do aluno e que o colégio está formando alunos para viver em sociedade e fazer parte da política social.

Objetivos para a Educação de Jovens e Adultos segundo o PPP do Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho:

> Incentivar a capacidade de aprender a socializar o que aprendeu, tendo como meios básicos o domínio da leitura, escrita e do cálculo, da interpretação e a produção textual; Compreensão do ambiente natural, social, político, econômico, tecnológico e artístico; Possibilitar a aprendizagem, através da aquisição de conhecimento e habilidades, atitudes e valores; Fortalecimento dos vínculos familiares: através da solidariedade humana, tolerância recíproca e religiosa; (PPP projeto político pedagógico)

Outro ponto de extrema importância que vale ressaltar no qual o PPP do Colégio Luís Alberto, traz como umas das suas ações em 2016 o resgate de projetos de anos anteriores, como por exemplo “Arte na Escola”, procurando, dessa forma, diminuir a evasão dos alunos, porém, o projeto não saiu do papel, a meta de diminuir as desistências dos alunos não houve êxito, podemos citar a sala da 7ª/8ª série, na qual ocorreram as observações e aplicação de questionários, aproximadamente 60% dos alunos acabaram desistindo do ano letivo, boa parte desse alunos que desistiram foram os de idade mais elevada. Um dos relatos dos alunos sobre a desistência dos seus colegas de sala: “pró, a maioria dos que desistiram foi porque eles não estavam aprendendo direito, achavam perda de tempo continuar vindo para o colégio, sendo que tinham tanta coisa para fazer em casa”

Ações propostas pelo PPP do Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho:

> Intervenção pedagógica: Projeto Socioeducativo (exibição de filmes, palestras, oficina de arte, teatro e dança); Atendimento aos pais para tratar de assuntos relacionados aos alunos; Promoção de palestras educativas; Realização de torneios competitivos e conscientizadores; oportunizar mostras de talentos através de eventos como exposições, teatros, danças; resgatar o projeto “Arte na Escola” buscando promover maior interação e participação dos alunos, minimizando assim a evasão [...] (PPP projeto político pedagógico)

O Projeto Político Pedagógico apresenta elementos de extrema importância para se fazer um bom andamento nas atividades escolares, para essa direção ser alcançada, o PPP não pode ser visto como mais um documento burocrático a ser engavetado e esquecido, se deve colocá-lo em prática e ser consultado sempre que houver necessidade.

Para Veiga (2004, p.13):

> O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico, com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. Na dimensão pedagógica reside à possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade. (VEIGA, 2004, p.13)

O Projeto Político Pedagógico deve ser entendido como um processo constante de discussão e reflexão dos problemas vivenciados pela direção da escola e todo seu corpo docente, o mesmo possibilita alternativas para subsidiar um bom desenvolvimento educacional.

Depois de analisar e discutir o PPP do Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho, vale ressaltar uma discussão sobre o que o PME (Plano Municipal de Educação) da cidade de Jacobina aborda como contribuição para o ensino da EJA na cidade. O Projeto de Lei nº 018 aprovado em 23 de julho de 2015, com duração de 10 (dez) anos, assinala como diretrizes geral para a educação o que segue em seu Art. 2º:

> **Art. 2º.** São diretrizes do PME: I.erradicação do analfabetismo; II. universalização do atendimento escolar; III. Superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação; IV. Melhoria da qualidade do ensino; V. formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade; VI. Promoção do princípio da gestão democrática da educação pública; VII. promoção humanística, científica, cultura e tecnológica do País; VIII. Estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto – PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;

> IX. Valorização dos (as) profissionais da educação; e X. promoção dos princípios de respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental. (PME Plano Municipal de Educação, Jacobina-Ba)

O PME de Jacobina segue como direcionamento a cumprir, o disposto no art. 214 da Constituição Federal, dando a garantia e o direito a todo o cidadão uma educação de qualidade. Em conformidade com os parâmetros legais, a Secretaria Municipal de Educação do Município de Jacobina-BA, busca oferecer a modalidade da Educação de Jovens e Adultos para aqueles alunos que, por algum motivo, não concluíram seus estudos no período convencional, um ensino de qualidade com acesso a uma escola adequada, o reconhecimento à igualdade, novas oportunidades, novos caminhos ao mundo do trabalho, no contexto de uma educação qualificadora, que não fica estagnada no mesmo lugar, mas que acompanha os avanços das ciências e da tecnologia. As escolas municipais de Jacobina-Ba vêm trabalhando nesse direcionamento desde a revogação da lei em 2008.

> As Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino de Jacobina ofertantes da Educação de Jovens trabalharam com essa Resolução até a sua revogação em dezembro de 2008, quando foi publicada a Resolução CME nº 002/2008 que regulamentava a oferta de Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos na rede municipal, a fim de garantir padrões de qualidade, com organização própria e diversificada, compatível com as necessidades educacionais de jovens e adultos. (PME Plano Municipal de Educação, Jacobina-Ba)

O PME de Jacobina-Ba mostra conhecimento de toda fragilidade que a modalidade de ensino da EJA vem passando, principalmente no que refere à evasão dos alunos no decorrer do ano letivo, e deixa claro que esse problema não é atual. Porém, mesmo com estratégias para acabar com tal dificuldade, não tem ocorrido êxito. É o que nos mostra no quadro (3) a seguir, no qual podemos fazer uma comparação do ano 2014, data referente aos dados do quadro, com o ocorrido no colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho especialmente na turma da 7ª/8ª série. Verifica-se que há uma necessidade de tirar do papel as estratégias e colocá-la em pratica. É evidente que se não ocorre mudanças, principalmente no acompanhamento dos professores, subsidiando os mesmos a qualificá-los a trabalhar com a EJA, esses dados não vão mudar.

Quadro 3. Taxas de rendimento da rede municipal de ensino da EJA 2014

Rendimento/ Movimento	Anos Iniciais	Anos Finais
Aprovado	117	334
Reprovado	39	95
Transferido	0	248
Concluinte	29	46
Deixou de frequentar	110	393
Falecido	0	0
Sem movimentação/ em Curso Andamento	14	0
Não resposta	0	0

Fonte- CENSO 2014

No momento, o PME de Jacobina-Ba não atualizou os dados de 2015 e 2016 para assim poder avaliar a evasão dos alunos da EJA, mas como foi mencionado no parágrafo acima, esses dados podem ser percebidos na escola Luís Alberto, na qual foi de auxílio de observações para a presente pesquisa.

O próprio PME nos mostra medidas para solucionar a evasão dos alunos da EJA, falta colocar o que está no papel em prática.

> Vários são os motivos para que tudo isso aconteça, por isso, há uma necessidade urgente de implantação de questões emergentes e significativas para que possamos alcançar os resultados necessários para com o público da Educação de Jovens e Adultos a exemplo de profissionais que tenham perfil e comprometimento para atuar com o público da EJA, metodologia adequada e significativa para o aluno, projetos que atendam às necessidades da aprendizagem e da demanda profissional dos discentes, proposta metodológica (andragogia) para atender ao município de Jacobina, calendário adequado às realidades locais, coordenação específica para este segmento e consequentemente formação que atenda as reais necessidades dos mesmos, projeto que inclua equipe multidisciplinar(psicólogo, terapeuta, assistente social, psicopedagogo, psiquiatra, enfermeiros) para atuar diretamente com este público, realizando palestras, oficinas, cursos, atendimentos individuais e com os grupos, tanto para os docentes, quanto para os discentes, criação e implantação do Serviço de Orientação Educacional e Familiar, já que o índice de usuário de drogas ilícitas tem sido recorrentes, além de desajustes familiares. (PME - Plano Municipal de Educação, Jacobina-Ba)

Diante do exposto, deve-se evidenciar que, para se considerar a EJA como uma modalidade educativa que venha a garantir o direito a educação que vá além de ensinar a ler e a escrever, faz-se necessário superar uma concepção compensatória, cujos principais fundamentos são da recuperação de um tempo de escolaridade perdido no passado e a ideia de que o tempo convencional para o aprendizado é a infância e a adolescência. Na perspectiva que imaginamos a EJA, é preciso buscar uma concepção mais ampla das dimensões tempo/espaço de aprendizagem, na qual educadores e educandos estabeleçam uma relação mais dinâmica com o entorno social e com as suas questões, considerando que a juventude e a vida adulta são também tempos de aprendizagens, que esse tempo perdido se faz de extrema necessidade de contextualizar em sala para uma melhor aprendizagem das turmas da EJA. “Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. ” (FREIRE, 2001, pag. 20)

Para ensinar na EJA é necessário fazer uma contextualização dos conteúdos abordados pelo professor com as experiências de vida dos seus alunos.

3.3. Analises reflexivas entre aluno e professor

Nesta pesquisa, pretendeu-se conhecer a questão do ensino da geografia nas turmas da EJA: como é realizado e se há adaptação das práticas pedagógicas para o público especifico da EJA. Para se chegar aos objetivos pretendidos, no dia 19 de outubro se aplicou um questionário para alunos e ao professor, no total de 12 alunos entrevistados (únicos alunos que estavam presente na aula), procurando por meio do mesmo, avaliar a metodologia do professor em sala e interrogando o aluno sobre a importância da geografia nas suas vidas, tentando compreender se o professor auxilia o aluno a contextualizar a sua realidade com as aulas de geografia, evidenciando que a geografia vai além da sala de aula.

Nesse contexto, deseja-se discutir a interação entre professor e aluno, confrontando os dois questionários. Vale destacar o comportamento dos alunos no dia da aplicação dos questionários, cem por cento dos alunos se mostraram preocupados com as respostas, “se eram para serem verdadeiros ou não? ”, “Se a professora regente teria acesso ao questionário depois de respondidos? ”, os alunos

se mostraram preocupados em serem prejudicados pela professora, caso ela não viesse a gostar das respostas. Após compreender todos aqueles questionamentos, os alunos foram informados que suas respostas permaneceriam em sigilo.

Na construção da aprendizagem nas turmas da EJA, no qual seu alunado se encontra com uma bagagem de conhecimento do mundo vivido elevado, a relação de professor e aluno é influenciada pela grandeza da convivência no processo de ensino e aprendizagem. Deste modo, para alcançar o ato de ensinar com qualidade, o professor precisa aprender com seu aluno, ver o mundo em uma nova perspectiva e novas ideias. É tentando compreender a vida dos seus alunos e suas dificuldades que o professor se tornará um melhor docente.

Freire (2001) aborda que:

> O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 2001, pag.19).

Com essa pesquisa voltada para o Ensino da Geografia na EJA, observa-se o grande valor do professor refletir sobre seu próprio posicionamento na sua relação com o aluno, procurando enxergar as possibilidades de melhorá-la para que, consequentemente, o seu trabalho seja mais criativo e de qualidade. O professor é decisivo na administração das aulas, podendo transformar a relação entre aluno e professor, assumindo uma responsabilidade social diante dos alunos.

A seguir, os quadros (4, 5, 6, 7, 8) constam perguntas e respostas que foram selecionadas das sete presentes no questionário aplicado para alunos, foram selecionadas as mais relevantes, para conhecer a questão do ensino da geografia nas turmas da EJA, como é realizado e se há adaptação das práticas pedagógicas para o público especifico da EJA. O critério de seleção dos alunos foi por meio de respostas mais concretas que passassem de sim ou não, dos doze alunos que responderam o questionário a metade se restringiram a responder sim ou não esses não fizeram parte do quadro de reflexão, foram selecionados seis alunos, aos quais, consiste em ser citados por números de um a seis, desta forma, mantendo o sigilo da identidade.

Quadro 4. 1ª pergunta direcionada aos alunos avaliando a metodologia do professor (transcrição na integra das respostas dos alunos).

O professor procura estimular o interesse do aluno para a disciplina geografia?	
Aluno 1	Alguns momentos sim outros não, principalmente quando ela chega cansada não estimula nada, a gente que tem que estimular ela dá aula.
Aluno 2	Sim, a professora procura forma pensamentos, estimular a nossa mente a pensar mais sobre a geografia, e não apenas repetir o que está nos livros.
Aluno 3	Sim falamos muito sobre os assuntos de geografia ao decorre das aulas, mais eu preferia falar menos e demostrar mais com outros tipos de aulas dinâmicas com brincadeiras, eu aprenderia mais.
Aluno 4	Sim sempre procura estimular o ensino e nós consegue entender a matéria, as vezes é complicado mais dá para entender.
Aluno 5	Sim quando um aluno não está com a autoestima ela incentiva para que ele não desista de estudar ela o incentiva a continuar e a estudar mais. As vezes ela usa de exemplo a disciplina de geografia como estimula mais ele fala mesmo é da educação para uma vida melhor.
Aluno 6	Sim, ela estimula para que tenhamos que presta mais atenção, se não a gente não intende é nada.

Fonte: Elizangela dos Anjos Moreira, 2016

A transcrição das respostas acima citadas no quadro 4, revelam que o professor tem procurado estimular o aluno a se interessar cada dia mais pela geografia, mesmo com falhas, pois o professor não é perfeito, mas diante dessas falhas, nós professores devemos procurar melhorar nossas práticas pedagógicas, pois estamos inseridos em um constante processo de aprendizagem.

Quadro 5. 2ª pergunta direcionada aos alunos avaliando a metodologia do professor (transcrição na integra das respostas dos alunos).

O professor estabelece relação dos assuntos, com o cotidiano dos alunos, partindo do local para o global?	
Aluno 1	Nem sempre, ela só parte para o local que é a nossa cidade quando a gente fala que não intendeu e pede pra ela dar outro exemplo, ai quando ela usa a nossa cidade e até mesmo o nosso bairro a gente intende tudo melhor, eu mesmo gosto quando ela fala do nosso bairro e dos lugares que a gente trabalha.
Aluno 2	Sim, sempre citando exemplos que acontece no nosso dia-a-dia, para facilitar o entendimento

Aluno 3	Sim envolve muitos assuntos tanto do lugar que vivemos como outros países, fica tudo mais fácil quando ela fala da nossa cidade.
Aluno 4	Sempre fala da realidade, nem sempre da nossa cidade, usa alguns exemplos eu até gosto quando ela usa.
Aluno 5	Ela estabelece, porque se ela não estabelecer o aluno não vai aprender o assunto.
Aluno 6	Sim, com os assuntos da matéria de geografia da pra falar bastante da nossa cidade.

Fonte: Elizangela dos Anjos Moreira, 2016

O quadro 5 aborda as respostas (na íntegra) referente a estabelecer relação dos temas da aula com o cotidiano dos alunos, deixando evidente que um assunto complicado se torna fácil ao ser exemplificado com a rotina dos alunos, demonstrando que não adianta o aluno memorizar o que está nos livros, ele tem que contextualizar com sua realidade e, assim, construir o conhecimento.

Conforme Freire (2001):

> A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memoriza-lo, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. (FREIRE, 2001, pag. 17).

A tendência das atividades desenvolvidas nas aulas da EJA, tem que partir das especificidades que cada aluno possui. Não tem como ensinar EJA desconsiderando toda uma gama de conhecimento dos educandos. Os alunos da EJA não querem somente aprender a ler e escrever, e sim, compreender a sociedade que vivem e fazem parte, para isso, a escola deve estar preparada para recebê-los.

Quadro 6. 3ª pergunta direcionada aos alunos avaliando a metodologia do professor (transcrição na integra das respostas dos alunos).

O professor utiliza outros materiais didáticos (vídeo, música, slides, etc.) ou fica preso ao livro didático?

Aluno 1	É a coisa mais difícil, ela usa mais o livro, teve vez até que ela usou vídeo e outa vez a sala de multimídia estava ocupada aí ela não usou mais, eu acho que a aula é muito curta aí ela fica com preguiça de dinamizar.
Aluno 2	Sim, sempre procura trazer filmes e etc. para o melhor entendimento da matéria e do assunto que ela está passando, as vezes não dá certo mais ela tenta.
Aluno 3	Poucas vezes, ela utiliza muito os livros não só ela como todos os professores das outras matérias.
Aluno 4	A gente ver vídeos poucas vezes, ler mais o livro.
Aluno 5	Ela usa algumas vezes vídeos, as vezes ela leva a gente pra sala de multimídia, mais usamos mais os livros didáticos.
Aluno 6	De vez em quando é muito pouco, lemos mais o livro.

Fonte: Elizangela dos Anjos Moreira, 2016

O quadro 6 cita (na íntegra) as respostas dos alunos em relação os materiais didáticos utilizados pelo professor para dinamizar as aulas de geografia, na qual admite a evidência da realidade de muitos professores, o uso excessivo do livro didático, na fala do aluno 3, fica a veracidade que não é só o professor de geografia que tem essa falha, mas sim todos os demais, “como todos os professores das outras matérias. ”

O mundo está evoluindo com as novas tecnologias e o professor deve se adequar e acompanhar esse desenvolvimento, trazendo novos aparatos para sala de aula, acompanhados de projetos que envolva não só as tecnologias, mas sim, diversificar suas aulas com apresentações de dança, jogos educativos dinâmicos que interaja todos os alunos, tem que partir do professor essa criatividade e fazer sua aula diferenciada das demais. A cada ano recebemos turmas novas, nos inserimos em contextos diferenciados, temos que aprender a lidar com os mais diversos tipos de alunos e, por isso, diante das contingências e das mudanças do mundo, a cada dia surgem novas experiências desafiantes.

Quadro 7. 4ª pergunta direcionada aos alunos avaliando a metodologia do professor (transcrição na integra das respostas dos alunos)

A disciplina de geografia é importante para a sua vida?	
Aluno 1	Antes eu pensava que não, depois que voltei a estudar intendi que a geografia é muito importante para minha vida, e para minha cidade.

Aluno 2	Sim, para me manter informado sobre as coisas que podem afetar o meu futuro, como o aquecimento global e vários outros fatores que podem afetar e muito a Terra, o meio ambiente e principalmente a vida humana.
Aluno 3	Para mim todas as disciplinas são importantes, mas geografia é muito bom para podermos intender um pouco sobre os mapas e a localização.
Aluno 4	Sim pois aprendemos mais sobre geografia e a importância do rio da nossa cidade e outras coisas.
Aluno 5	É porque com ela a gente aprende mais a viver no mundo.
Aluno 6	Sim porque aprendo em cada aula de geografia com a professora o sentido da vida e da natureza.

Fonte: Elizangela dos Anjos Moreira, 2016

O quadro 7 nos traz informação de extrema importância para o ensino de geografia, por mais que os alunos tenham dificuldade de expor com suas palavras, pode-se perceber pelas pequenas linhas, que boa parte dos alunos estão compreendendo o estudo da geografia, o envolvimento do homem com o meio, deixando de lado a geografia que visa decorar nome de rios, estados, cidades e etc. Essas informações nos estimulam no engajamento da luta pela melhoria do ensino da geografia, estimulam-nos a acreditar, a ter fé na possibilidade de que nossas ações pedagógicas possam se refletir e marcar um diferencial na educação.

Quadro 8. 5ª pergunta direcionada aos alunos avaliando a metodologia do professor (transcrição na integra das respostas dos alunos)

Por que você escolheu o ensino da EJA?	
Aluno 1	Deixei de estudar a muito tempo, pela minha idade não posso estudar com as crianças durante o dia, mim sinto melhor com adultos da minha idade, e também não tinha como estudar durante o dia tenho que trabalhar para sustentar minha família.
Aluno 2	Porque eu estou muito atrasada, quis adiantar e principalmente, porque a noite ser o melhor horário na minha opinião, e ser melhor pra mim pelas coisas que eu faço durante o dia, por ser o melhor horário e pra mim adiantar os estudos.
Aluno 3	Para facilitar mais o meu aprendizado porem estou muito atrasado no ano do colégio e opinei pela EJA que ajuda muito adiantar os estudos.
Aluno 4	Para eu terminar os estudos mais rápido, parei de estudar a muito tempo.
Aluno 5	Porque eu mim dedico mais aos estudos e tenho mais tempo para trabalhar.

Aluno 6	Porque tenho um objetivo conseguir um emprego e manter meus estudos, tenho uma filha e prefiro a noite durante o dia tenho que cuidar dela.

Fonte: Elizangela dos Anjos Moreira, 2016

As respostas do quadro 8, retrata o real motivo de jovens e adultos optarem pela modalidade da EJA, na qual encontram uma possibilidade de vida melhor em busca de um bom emprego, o fato de ser um ensino a curto prazo, facilita adquirir o certificado de conclusão de ensino mais rápido, pois a maioria das empresas exigem um determinado nível de ensino, nesse sentido, a EJA vem a contribuir para a concretização de um sonho. Outro ponto de suma importância para a escolha dessa modalidade de ensino, é a não oportunidade ao mesmo na idade adequada, por infinitos motivos, a maioria dos seus alunos deixaram ou não tiveram acesso à educação na sua infância e, hoje, encontram na EJA uma turma voltada a alunos do seu perfil de idade, pois muitos se sentiriam envergonhados em ter que frequentar turmas infanto-juvenil.

O sistema de ensino assegura gratuitamente aos jovens e adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas.

Contribuição das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, 2013:

> As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos apontaram-na como direito público subjetivo, no Ensino Fundamental, posição (...) consagrada, em seguida, em lei nacional. Tais Diretrizes buscaram dar à EJA uma fundamentação conceitual e a interpretaram de modo a possibilitar aos sistemas de ensino o exercício de sua autonomia legal sob diretrizes nacionais com as devidas garantias e imposições legais. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, pag. 345.)

Esperamos do ensino da EJA uma educação libertadora, possibilitando a todos o acesso à cultura, não só escrita, mas também às informações, das quais foram privados devido à exclusão escolar, além da preparação para o mercado de trabalho.

O quadro 9 a seguir retrata o questionário para o professor, com suas respectivas respostas, subsidiando a presente pesquisa fazer uma análise com as respostas dos alunos citados nos quadros (4, 5, 6, 7, e 8) acima.

Quadro 9. Questionário para o professor de geografia do ensino da EJA

Como você ensina geografia na EJA? Há alguma especificidade?	Trabalho a partir da realidade do aluno do local para o global e vice-versa. Gosto muito de trabalhar com charges, filmes e produção textual a partir da temática.
Há dificuldade em ensinar geografia na EJA?	Não. Mas é necessário se dedicar e investir em aulas atrativas.
Quais as principais dificuldades do ensino da EJA?	Concentração em aula expositivas, problemas de leituras e escrita, evasão devido a grande maioria dos estudantes trabalharem e o cansaço impede a conclusão do ano letivo.
Como você professor ver os alunos da EJA?	Como jovens e senhores carentes de leitura e escrita e principalmente de afeto.
Vocês professores recebem atenção adequadas de cursos na formação de professores da EJA?	Não. Temos que aprender pela observação e dedicação.
Você ver necessidades de mudanças nas práticas docentes, para alcançar melhores resultados no processo de ensino de aprendizagem? Justifique.	Sim. Maiores investimentos para transformar e forma o docente especificamente para o trabalho de ensino de jovens e adultos, visando uma formação técnica para esses estudantes.

Fonte: Elizangela dos Anjos Moreira

Analisando as respostas dos alunos com a do professor, se faz perceber a dificuldade do aluno da EJA no que se refere a escrita e a leitura, dificultando assim, a relação entre aluno e professor, no qual o mesmo tem que procurar meios que venham a facilitar a interação do conhecimento, por mais que o professor conheça e admita a necessitada de utilizar dinâmicas pedagógicas, elas devem se fazer necessárias nas suas aulas, podendo ser uma das soluções eficazes em diminuir a evasão dos alunos da sala de aula e proporcionar maior atenção nos conteúdos discutidos no decorrer das aulas.

Conhecendo os pontos de dificuldades dos alunos da EJA, as aulas de geografia devem ser de fundamental necessidade conciliar o conhecimento já vivido pelo aluno com os temas abordados nas aulas. Promovendo, desta maneira, uma interação de ensino aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou destacar a importância das aulas de geografia nas turmas da EJA, para o cotidiano das pessoas, facilitando assim, o conhecimento em sala de aula, e para isso, buscou-se traçar, através de pesquisas bibliográficas, aplicação de questionário, observações em sala de aula, um estudo de caso tornando os fatos pesquisados mais claros e evidentes.

Diante das questões apresentadas, podemos afirmar que o ensino da geografia na EJA deve ser um aprendizado dinâmico, voltado a aplicações de práticas no cotidiano, especialmente, relacionado ao desenvolvimento histórico da tecnologia, nos mais diversos campos do saber, identificando como seus avanços foram modificando as condições de vida e criando novas necessidades para os seres humanos.

Tanto a educação alcançada na idade primaria ou na vida adulta é importante, seguindo esse direcionamento que a EJA tem muito a ser valorizada. Por mais que a Educação de Jovens e Adultos venha sofrendo mudanças qualitativas, desde a década de 30, na qual somente uma parte da sociedade podia estudar, como afirma Freire (2001, pag. 35) “O Brasil foi ‘inventado’ de cima para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos.” Devido as mudanças econômicas e sociais, a educação passou a ser uma necessidade garantida pela constituição, e os jovens e adultos têm procurado cada vez mais as salas de aulas para dar continuidade a seus estudos. Mas, mesmo assim, ainda é assustador o número de analfabetos no Brasil, entre eles uma grande parte é de jovens entre 15 e 17 anos, que por vários motivos, acabam desistindo de estudar, sabe-se que muitos desses jovens precisam trabalhar para ajudar em casa, outros desistem por morarem longe da escola, e muitas das meninas, por terem engravidado muito jovens.

Um dos motivos que tem feito esses jovens e muitos adultos a voltarem para a escola, é a exigência do mercado de trabalho, requisitando pessoas instruídas, que tenham concluído no mínimo o Ensino Médio. E assim, percebemos o quanto nossos jovens e adultos precisa deixar de lado as dificuldades e correr atrás do tempo perdido, nunca é tarde para recomeçar, a EJA está disponível para tornar sonhos em realidade, para ajudar a todos aqueles que por vários motivos não conseguiram começar e nem terminar os estudos na idade certa, e que assim concluindo essa

etapa em suas vidas, esses cidadãos só têm a ganhar, pois terão o seu merecido lugar junto a sociedade, e podendo aproveitar de todos os benefícios que aqueles que tem o conhecimento necessário podem adquirir. Mesmo conhecendo as falhas do poder público com a educação, os professores devem contribuir para o melhoramento das práticas pedagógicas, segundo Freire (2001, pag. 24) “Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, se quer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder. ”

Assim, destaca-se a necessidade urgente de melhoria e valorização nos princípios e objetivos da EJA, além do respeito às peculiaridades dos alunos que frequentam esta modalidade de ensino.

Acredito que essa pesquisa trará uma grande contribuição acadêmica para os docentes, mostrando a evidência que alfabetizar jovens e adultos vai muito além do que ensinar a ler e escrever, e sim, deixar claro que estamos formando jovens e adultos para a sociedade, e tudo depende de como nós professores vamos direcionar nossas práticas docentes. Não é justo colocar a culpa nas políticas públicas, pois a pesquisa deixa evidente que esse problema não é atual. Como professores, temos que fazer a diferença em sala de aula.

Essa pesquisa apresenta a discussão sobre o ensino da geografia na turma da EJA, no colégio Luís Alberto Dourado de Carvalho. Espero que este trabalho possa contribuir para a reflexão e possível mudança de postura no que diz respeito à EJA, de modo geral e ao ensino de Geografia em particular, na referida escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jociana Brugnerotto; SANTOS, Larissa Mateus Pessetti Azzi; OLIVEIRA, Luna Mares Lopes de. (Org) **Manual de Elaboração do Projeto para trabalho de Conclusão de Curso TCC curso.** NUCAP – Núcleo de apoio a pesquisa da coordenação do curso de nutrição da Faculdade São Lucas. 31f. 2012. Disponível em www.saolucas.edu.br acesso em 10/12/2015.

BRASIL. **Decreto Lei nº 4958 de 14 de novembro de 1942**, Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP). Disponível em <http://www.camara.leg.br/fed/decreto/ acesso em: 30/05/2016.

_____. **Decreto Lei nº 6093 de 24 de abril de 2007**, O Programa Brasil Alfabetizado. Disponível em <http://www.portal.mec.gov.br/decreto/ acesso em 01/06/2016

_____. **Decreto Lei nº9.448 de março de 1997,** O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP vinculado ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Brasília – DF. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/institucional-história acesso em 30/05/2016.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

_____. **Emenda Constitucional da República Federal do Brasil de 1988**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br acessado em: 06/09/2015.

CARVALHO, Maria Inez. **Fim de século**: A Escola e a Geografia. 2ªed. Rio Grande do Sul: UNIJUi, 1998.

CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊIA, Roberto Lobato. (Org.) **Geografia: Conceitos e temas.** 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

COLÉGIO LUIZ ALBERTO DOURADO DE CARVALHO. **Projeto Político Pedagógico.** Jacobina Ba, 2012. 177f.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira**. 4ªed. São Paulo: Cortez, 1988.

DI PIERRO, Maria Clara; GRACIANO, Mariângela. **A educação de jovens e adultos no Brasil:** Informe apresentado à Oficina Regional da UNESCO para América Latina y Caribe. São Paulo: 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Paulo. **Educação e Mudança**. V1 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** 6ªed. São Paulo, Olhos d' Água, 1993.

FRIEDRICH, Márcia, et al. **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil:** de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. V. 18, Rio de Janeiro, 2010.

GADOTTI, Moacir. **MOVA, por um Brasil Alfabetizado**: Série Educação de Adultos; 1. São Paulo: Editora Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. **Educação de Jovens e Adultos.** 12ªed. São Paulo: Cortez, 2011.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **História da alfabetização de adultos no Brasil**. In: ALBUQUERQUE, E. B.; LEAL, T.F. A alfabetização de jovens e adultos: em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IRELAND, Timothy Denis. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**. Vol. 1, nº 1, 2013.

JACOBINA. **Plano Municipal de Educação Lei nº 018,** aprovado em 23 de julho de 2015. Jacobina, Ba. Disponível em http://www.camarajacobina.ba.gov.br/Projeto-Lei-18.pdf Acesso em: 30 set. 2016.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação Pedagógica.** 10ªed. Campinas SP: Papirus, 2000.

PONTUSCHKA, Nídia Nacid; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACET, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

RIOS, Clara Maria Almeida. **A Educação de Jovens e Adultos no Contexto Contemporâneo da Formação Continuada de Professores e das Tecnologias da Informação e Comunicação**. Salvador: EDUNEB, 2011.

SEI, **Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia:** Os Aspectos Fisiográficos do Município de Jacobina Bahia. Disponível em:< http://www.sei.ba.gov.br/ Acesso em: 30 set. 2016.

SELBACH, Simone. (org.) **Geografia e Didática**: Coleção como bem ensinar. Petrópolis: Vozes, 2010.

VEIGA, Ilma Passos A. (org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Campinas: SP. Papirus, 2004.

ANEXOS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- DCH – CAMPUS IV

COLEGIADO DE GEOGRAFIA

ELIZANGELA DOS ANJOS MOREIRA

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EJA: UM ESTUDO DE CASO EM JACOBINA-BA

FORMULÁRIO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO: ALUNOS DA EJA 7ª/8º SÉRIE COLÉGIO DR. LUIZ ALBERTO DOURADO DE CARVALHO

Questionário Nº. _____ Data ____/____/____

Aluno: _____ Idade:_____

Questionário para os alunos

(Avaliando a metodologia do professor em sala e questionando o aluno sobre a importância da geografia na sua vida.)

1º- O professor tem domínio do conteúdo que está ensinando?

_____
_____
_____
_____
_____

2º- O professor procura estimular o interesse do aluno para a disciplina geografia?

_____
_____
_____
_____

3°- O professor estabelece relação dos assuntos, com o cotidiano dos alunos, partindo do local para o global?

_____
_____
_____
_____

4°- O professor utiliza outros materiais didáticos (vídeo, música, slides, etc.) ou fica preso ao livro didático?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

5º- Você gosta das aulas de geografia?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

6º- A disciplina de geografia é importante para a sua vida?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

7º- Por que você escolheu o ensino da EJA?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- DCH – CAMPUS IV
COLEGIADO DE GEOGRAFIA
ELIZANGELA DOS ANJOS MOREIRA

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EJA: UM ESTUDO DE CASO EM JACOBINA-BA

FORMULÁRIO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO: PROFESSOR DA EJA 7ª/8º SÉRIE COLÉGIO DR. LUIZ ALBERTO DOURADO DE CARVALHO

Professor (a): _____ Data ___/___/___

Questionário para professor:

1º- Como você ensina geografia na EJA? Há alguma especificidade?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

2º- Há dificuldade em ensinar geografia na EJA?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

3º- Quais as principais dificuldades do ensino da EJA?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

4º- Como você professor ver os alunos da EJA?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

5º- Vocês professores recebem atenção adequadas de cursos na formação de professores da EJA?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

6º- Você ver necessidades de mudanças nas práticas docentes, para alcançar melhores resultados no processo de ensino de aprendizagem? Justifique.

_____
_____
_____
_____
_____